



ISSN 2595-5519

SINTOMAS DEPRESSIVOS ENTRE IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS EM JUÍNA-MT

DEPRESSIVE SYMPTOMS AMONG NOT INSTITUTIONALIZED ELDERLY IN JUÍNA-MT

Khettlen Krindges¹
Juliana Girelli²
Anderson Cristian de Souza³
Bianca Thais Zamborsky⁴
Fábia Firmini de Lima Souza⁵
Iasmin Gisele dos Santos Silva⁶
Inã Palmeira Silva⁷
Jackselaine Esmeraldo Braga⁸
Katholeen Daiane de Faria Ridier⁹
Maria Júlia de Marchi Teixeira¹⁰
Patrícia Fernandes de Almeida¹¹
Talita Viviane da Silva¹²
Thaís Olivete Dalle Luque¹³
Camila Sant'Ana Crancianinov¹⁴
Veronica Jocasta Casarotto¹⁵

¹KRINDGES, Khettlen: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena, khettlen1krindges@gmail.com;

²GIRELLI, Juliana: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

³DE SOUZA, Anderson Cristian: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁴ZAMBORSKY, Bianca Thais: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁵SOUZA, Fábia Firmini de Lima: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁶SILVA, Iasmin Giseli dos Santos: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁷SILVA, Inã Palmeira: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁸BRAGA, Jackselaine Esmeraldo: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

⁹RIDIER, Katholeen Daiane de Faria: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

¹⁰TEIXEIRA, Maria Júlia de Marchi: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

¹¹DE ALMEIDA, Patrícia Fernandes de: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

¹²DA SILVA, Talita Viviane: Graduanda do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

¹³LUQUE, Thaís Olivete Dalle: Graduanda do Curso de Educação Física, AJES - Faculdade do Vale do Juruena;

¹⁴CRANCIANINOV, Camila Sant'Ana: Membro do Laboratório de Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Motora – Labordam, Universidade Estadual Paulista;

¹⁵CASAROTTO, Veronica Jocasta: Docente e Coordenadora do Curso de Fisioterapia, AJES - Faculdade do Vale do Juruena.



ISSN 2595-5519

RESUMO

Com o envelhecimento surgem diversas modificações em níveis psicológicos, um dos transtornos mais comuns entre a população idosa é a depressão, esta caracteriza-se pela alteração de humor e afetividade. O objetivo do estudo foi verificar a prevalência de sintomas depressivos entre idosos participantes de um centro de convivência para terceira idade. Trata-se de um estudo observacional, transversal, descritivo, por conveniência, com idosos de 60 anos ou mais que aceitaram participar voluntariamente. Aplicou-se a Escala de Depressão Geriátrica de 15 itens, cada qual possui duas alternativas “sim” ou “não”, sendo pontuadas (um ponto cada) as alternativas indicativas de sintomas depressivos, o escore igual ou superior a cinco indica que há sintomas depressivos, quando igual ou superior a 11 pontos indica sintomas depressivos graves. Foram incluídos 63 idosos com média de idade de 69,5 anos, sendo 87% do sexo feminino. Mais da metade (61,9%) não apresentou sintomas depressivos, 36,5% apresentaram sintomas e 1,6% apresentou sintomas depressivos graves. Mesmo sendo comum, a depressão na terceira idade não deve ser considerada normal, ações preventivas devem ser tomadas junto à rede pública de saúde e a sociedade, visando melhora na qualidade de vida do idoso.

Palavras-chave: Depressão. Idoso. Prevalência.

ABSTRACT

With aging there are several changes in psychological levels, one of the most common disorders among the elderly population is depression, which is characterized by mood swings and affection. The aim of the study was to verify the prevalence of depressive symptoms among elderly participants of a senior living center. This is an observational, cross-sectional descriptive study, for convenience, with elderly people 60 years and older who voluntarily agreed to participate. The 15 – item Geriatric Depression Scale was applied, each of which has two “yes” or “no” alternatives, with scores indicating one depressive symptom (one point each), the score equal to or greater than five indicates that there are symptoms when 11 points or greater indicates severe depressive symptoms. Sixty-three elderly individuals with a mean age of 69,5 years were included, 86% female. More than half (61,9%) had no depressive symptoms, 36,5% had symptoms and 1,6% had severe depressive symptoms. Although common, depression in the elderly should not be considered normal, preventive actions should be taken with the public health network and society, aiming at improving the quality of life of the elderly.

Keywords: Depression. Aged. Prevalence.



ISSN 2595-5519

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento consiste em um processo ativo, irreversível e multifatorial, que torna o organismo vulnerável às diversas agressões internas e externas, podendo acarretar em diminuição da capacidade funcional do indivíduo (MORAES, 2009). No Brasil, a população idosa vem crescendo significativamente, estima-se que até 2030 terão aproximadamente 41,5 milhões de idosos no país e a expectativa de vida alcançará cerca de 85 anos (IBGE, 2010).

Com a chegada da terceira idade acompanham-se as modificações em nível fisiológico, bioquímico, morfológico e psicológico, as quais contribuem para o surgimento de diferentes doenças, dentre as comumente verificadas, pode-se destacar a depressão (TREVISAN; GUIMARÃES; COSTÓDIO, 2016).

Caracterizada como um distúrbio da área afetiva ou do humor, a depressão pode gerar impactos negativos em qualquer idade. Em idosos, a depressão está vinculada aos aspectos biológicos, em decorrência da maior vulnerabilidade às doenças crônicas; aos aspectos psicológicos, estes acometidos muitas vezes pela viuvez e aos aspectos sociais, os quais englobam a falta de escolaridade, solidão, pobreza, falta de suporte social, entre outros (SOARES *et al.*, 2013).

Em idosos institucionalizados a probabilidade de se desencadear a depressão é ainda maior, visto que nas instituições de longa permanência os idosos devem seguir um estilo de vida diferente do que já é acostumado, muitas vezes perdendo sua autonomia, identidade e liberdade, além de ficarem longe da família, o que é diferente no caso de idosos integrados na sociedade e que possuem relações familiares, onde o índice de depressão passa a ser menor (SOUZA, 2016).

As ações preventivas abordadas pela Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa são primordiais para as diretrizes assistenciais, as quais visam garantir um processo de envelhecimento com menos incapacidades, a partir do planejamento baseado no diagnóstico situacional. Portanto, a prevenção minimiza a incidência da depressão, já que os sintomas frequentemente são associados às fragilidades dos idosos (SANTOS *et al.*, 2013).

Para prevenir e controlar doenças crônicas não transmissíveis é imprescindível a prática de exercícios físicos regularmente, o que também contribui para o controle da



ISSN 2595-5519

ansiedade, estresse e sintomas da depressão, melhorando o mecanismo de proteção do organismo (ROCHA *et al.*, 2011).

Com base na necessidade de conhecer os sintomas depressivos no público da terceira idade o presente estudo teve como objetivo verificar a prevalência destes sintomas entre os idosos não institucionalizados, residentes no município de Juína-MT.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter observacional, de corte transversal, descritivo, por conveniência, realizado com idosos residentes no município de Juína-MT e frequentantes do centro de convivência para terceira idade “Vó Paixão”, local onde são ofertadas diversas atividades recreativas.

Foram incluídos no estudo idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos e que aceitaram participar voluntariamente, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os idosos que apresentaram dificuldades de interpretação após a explicação da escala. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da AJES - Faculdade do Vale do Juruena (CAAE: 08182119.0.0000.8099), considerando a resolução 466/12 – Conselho Nacional de Saúde.

Os idosos que atenderam aos critérios de elegibilidade responderam a Escala de Depressão Geriátrica (EDG) de 15 itens, sendo uma versão curta da escala original de 30 itens criada por Sheikh e Yesavage (1986). Cada pergunta possui duas respostas objetivas (sim ou não), sendo que cada resposta depressiva equivale a um ponto. Quando o escore total é igual ou superior a cinco pontos, indica sintomas depressivos e quando igual ou superior a 11 pontos, considera-se sintomas depressivos graves (ALMEIDA; ALMEIDA, 1999).

As variáveis foram analisadas pelo programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0 para Microsoft Windows.

3 RESULTADOS



ISSN 2595-5519

Participaram do estudo 63 idosos com média de idade de 69,5 anos (60 a 85 anos), sendo a grande maioria do sexo feminino (87%; n= 55), apenas oito (13%) eram do sexo masculino.

Foi verificado por meio das respostas obtidas com a EDG de 15 itens que um pouco mais da metade dos idosos não apresentaram sintomas depressivos (61,9%; n=39), no entanto, 23 idosos (36,5%) apresentaram sintomas depressivos e um idoso (1,6%) apresentou sintomas depressivos graves, o que demonstra a importância da investigação deste público (Tabela 1).

Tabela 1. Nível de depressão entre os idosos participantes.

Nível depressivo	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Sem sintomas depressivos	39	61,9
Com sintomas depressivos	23	36,5
Sintomas depressivos graves	1	1,6
Total	63	100

Fonte: Dados da pesquisa realizada no Centro de Convivência, 2019.

De acordo com a idade dos idosos foi possível verificar que poucos possuem mais que 80 anos (6,4%; n=4) e esta pequena parcela não apresentou sintomas depressivos, como visto na Tabela 2.

Tabela 2. Nível de depressão entre faixas etárias.

Faixa Etária (anos)	Sintomas Depressivos	
	Sim n (%)	Não n (%)
60 a 69	12 (38,7)	19 (61,3)
70 a 79	12 (42,9)	16 (57,1)
> 80	0 (0)	4 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa realizada no Centro de Convivência, 2019.

Com relação às respostas da EDG que sugeriram sintomas depressivos 56 idosos (88,9%) afirmaram achar que tem muita gente em situação melhor, seguida do item que afirma diminuição da maior parte de suas atividades e interesses (58,7%; n= 37) e que aborrecem com frequência (54%; n=34). Nos demais itens prevaleceram respostas positivas, não relacionadas com sintomas depressivos, com maior destaque a afirmação de que acha que



ISSN 2595-5519

é maravilhoso estar vivo agora, a qual foi marcada como “sim” por 61 idosos (96,8%) e que vale a pena viver como vive agora, marcada por 60 idosos (95,2%) (Tabela 3).

Tabela 3. Respostas da Escala de Depressão Geriátrica.

Itens	Sim n (%)	Não n (%)
1. Está satisfeito(a) com sua vida?	59 (93,7%)	4 (6,3%)
2. Diminuiu a maior parte de suas atividades e interesses?	37 (58,7%)	26 (41,3%)
3. Sente que a vida está vazia?	21 (33,3%)	42 (66,7%)
4. Aborrece-se com frequência?	34 (54%)	29 (46%)
5. Sente-se de bem com a vida na maior parte do tempo?	58 (92,1%)	5 (7,9%)
6. Teme que algo ruim possa lhe acontecer?	25 (39,7%)	38 (60,3%)
7. Sente-se feliz a maior parte do tempo?	53 (84,1%)	10 (15,9%)
8. Sente-se frequentemente desamparado(a)?	6 (9,5%)	57 (90,5%)
9. Prefere ficar em casa a sair e fazer coisas novas?	24 (38,1%)	39 (61,9%)
10. Acha que tem mais problemas de memória que a maioria?	20 (31,7%)	43 (68,3%)
11. Acha que é maravilhoso estar vivo agora?	61 (96,8%)	2 (3,2%)
12. Vale a pena viver como vive agora?	60 (95,2%)	3 (4,8%)
13. Sente-se cheio(a) de energia?	45 (71,4%)	18 (28,6%)
14. Acha que sua situação tem solução?	57 (90,5%)	6 (9,5%)
15. Acha que tem muita gente em situação melhor?	56 (88,9%)	7 (11,1%)

Fonte: Dados da pesquisa realizada no Centro de Convivência, 2019.

A maioria dos idosos (23,8%; n= 15) obteve pontuação três na EDG, apenas dois idosos obtiveram pontuação zero, pois responderam todos os itens de forma que não indicasse quaisquer sintomas depressivos. O único idoso (1,6%) com indicativo de sintomas graves obteve pontuação 12, próximo a isso, dois idosos (3,2%) obtiveram pontuação dez (Tabela 4).

Tabela 4. Pontuação geral da Escala de Depressão Geriátrica.

Pontuação	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
0	2	3,2
1	3	4,8
2	9	14,3
3	15	23,8
4	10	15,9
5	5	7,9
6	6	9,5
7	8	12,7
8	2	3,2
10	2	3,2
12	1	1,6

Fonte: Dados da pesquisa realizada no Centro de Convivência, 2019.



ISSN 2595-5519

Mesmo diante das adversidades que os idosos devem enfrentar a maioria se sente satisfeito com a vida, podendo ter relação com as ações desenvolvidas em grupo, o que ainda contribui para o maior vínculo afetivo entre os integrantes.

4 DISCUSSÃO

Com o envelhecimento pode ocorrer lentificação dos processos mentais, mas a ocorrência da depressão por si só, não deve ser considerada normal nesta fase. No entanto, muitos problemas de saúde que acabam surgindo com o passar dos anos podem ser responsáveis pela associação entre depressão e avanço da faixa etária (HARALAMBOUS *et al.*, 2009).

São observados em alguns estudos, menores níveis de depressão em grupos de idosos ativos quando comparados aos que são sedentários. Isso pode ter relação não só aos benefícios fisiológicos dos exercícios, mas sim, pelo fato de serem realizados em grupos, contribuindo com as relações sociais (MINGHELLI *et al.*, 2013). Diante dos desafios encontrados na terceira idade, ressalta-se a importância da criação de grupos de convivência, de forma que venham a contribuir com a autonomia e condições emocionais dos idosos.

No município de Juína-MT há um centro de convivência, no qual são realizadas diversas atividades semanais com o público da terceira idade. Há cerca de 100 participantes, no entanto, de acordo com o último censo do IBGE (2010) o município conta com um pouco mais de 3.000 idosos, isto demonstra o quão é deficitária a participação efetiva dos mesmos em grupos sociais, sendo assim necessários maiores programas de incentivos, o que podem contribuir diretamente com a menor demanda no serviço público de saúde.

Com os achados deste estudo pôde-se verificar que a maioria dos participantes era do sexo feminino, o que é comumente evidenciado em grupos de convivência, onde geralmente há maior número de mulheres idosas em relação aos homens (ARAÚJO *et al.*, 2017; RONCON; LIMA; PEREIRA, 2015). A grande adesão feminina geralmente está ligada ao fato de que as mulheres possuem maior autocuidado e atenção com a saúde, o que lhes conferem maior probabilidade de sobrevivência (PEREIRA *et al.*, 2017) e também pode ter relação à viuvez, quando há diminuição das responsabilidades domésticas (DOIMO;



ISSN 2595-5519

DERNTL; LAGO, 2008), já os homens, por sua vez, sentem dificuldades em participar de atividades em grupos, que não estejam relacionadas ao trabalho (BELTRAME, 2008).

Grande parte dos idosos tinha até 70 anos, a partir desta idade verifica-se menor participação aos grupos de convivência, aumentando ainda mais o índice de inatividade física, o que também pode ser verificado no estudo de Dias e Tavares (2013). Tal fato pode estar relacionado às limitações físicas inerentes ao processo do envelhecimento, tornando o idoso cada vez mais dependente de auxílio de outras pessoas conforme o aumento de sua idade (SANTOS *et al.*, 2007).

No presente estudo houve maior prevalência de idosos sem sintomas depressivos, no entanto, aqueles que apresentaram os sintomas devem receber maior atenção por parte de uma equipe multidisciplinar, visto que a quantidade ainda foi relevante, uma vez que são idosos que participam de atividades sociais em um centro de convivência.

No estudo de Silva *et al.*, (2019) também houve maior prevalência de idosos sem os sintomas. Foram 36,2% dos idosos que apresentaram sintomas depressivos, estes residentes no município de Petrolina – PE, frequentantes de centros de convivência para terceira idade e representados em grande maioria pelo sexo feminino. Com uma taxa ainda menor, o estudo de Piani *et al.*, (2016) verificou que apenas 7,1% dos idosos apresentou sintomas de depressão, sendo a amostra total formada por 313 idosos, podendo sugerir que há maior eficácia na educação em saúde e nas ações desenvolvidas social, cultural e fisicamente entre os envolvidos.

Em relação aos idosos institucionalizados o cenário é diferente, como verificado no estudo de Verçosa, Cavalcanti e Freitas, (2016) a maior parte dos idosos (58%) apresentou sintomas depressivos e dos 52 participantes do estudo 53,8% era do sexo feminino. Já no estudo de Gomes e Reis (2016) todos os 31 participantes apresentaram sintomas que sugerem depressão, sendo 74,2% leves a moderados e 25,8% severos, a maioria também era formada por mulheres idosas, que viviam em uma instituição de longa permanência no interior do Estado da Bahia.

Diante do exposto cabe destacar que os sintomas depressivos são frequentemente verificados entre o público da terceira idade, devido às diversas alterações físicas e emocionais decorrentes do envelhecimento. Sua detecção de forma precoce é imprescindível



ISSN 2595-5519

para um bom desfecho, bem como, a participação de toda a sociedade junto às ações necessárias para evitar e minimizar o problema que tanto os afligem.

Portanto, é fundamental conhecer os níveis de depressão e o quanto acometem esta população em um contexto geral, seja no âmbito familiar ou social. Vale ainda, contribuir com medidas preventivas, das quais podem ser trabalhadas por meio de informações que agregam maiores conhecimentos e por meio da promoção do bem-estar físico e mental em círculos de convívio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pôde-se verificar prevalência de 61,9% de idosos sem sintomas depressivos, no entanto, o índice de idosos que apresentaram os sintomas deve ser considerado relevante, havendo necessidade de maior investigação, de apoio do poder público e da sociedade, em busca da garantia de melhor qualidade de vida, uma vez que esta doença traz grandes acometimentos na saúde deste público.

Estratégias devem ser executadas a fim de promoverem maior cuidado com a saúde mental na terceira idade, mesmo percebendo que idosos que realizam atividades sociais possuem menores chances de desenvolver sintomas depressivos. Serão levados ao conhecimento deste público referido os resultados obtidos com este estudo, informando a necessidade da busca por assistência e da disponibilidade do atendimento psicológico por meio da Clínica Escola AJES.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. P.; ALMEIDA, S. A. Confiabilidade da versão brasileira da Escala de Depressão em Geriatria (GDS) versão reduzida. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, v. 57, p. 421-426, 1999.

ARAÚJO, L. S. A. et al. Idosos e grupos de convivência: motivos para a não adesão. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 16, 2017. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1140/625>>. Acesso em: 16 set. 2019.



ISSN 2595-5519

BELTRAME V. **Qualidade de vida idosos diabéticos** [tese]. Porto Alegre (RS): Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul; 2008. . Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2581/1/408868.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.

DIAS, F. A.; TAVARES, D. M. dos S. Fatores associados à participação de idosos em atividades educativas grupais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 2, p. 70-77, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n2/v34n2a09>>. Acesso em: 24 set. 2019.

DOIMO, L. A.; DERNTL, A. M.; LAGO, O. C. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 13, n. 4, p. 1333-1342, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2008.v13n4/1133-1142/pt/>>. Acesso em: 24 set. 2019.

GOMES, J. B.; DOS REIS, L. A. Descrição dos sintomas de Ansiedade e Depressão em idosos institucionalizados no interior da Bahia, Brasil. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 19, n. 1, p. 175-191, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/31961/22142>>. Acesso em: 18 set. 2019.

HARALAMBOUS, B. et al. Depression in older age: a scoping study. **Australia: National Ageing Research Institute**, 2009. Disponível em: <<https://www.beyondblue.org.au/docs/default-source/research-project-files/bw0143---nari-2009-full-report---minus-appendices.pdf?sfvrsn=4>>. Acesso em: 18 set. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). Sinopse do Senso Demográfico de 2010. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm.

MINGHELLI, Beatriz et al. Comparação dos níveis de ansiedade e depressão entre idosos ativos e sedentários. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 40, n. 2, p. 71-76, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/acp/article/view/63036/65831>>. Acesso em: 24 set. 2019.

MORAES, E. N. **Princípios básicos de geriatria e gerontologia**. Belo Horizonte: Coopmed; 2009.

PEREIRA L. C. et al. Predictors for the functional incapacity of the elderly in primary health care. **Rev bras enferm**, v. 70, n. 1, p. 112-118, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n1/0034-7167-reben-70-01-0112.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019.

PIANI, M. C. et al. Prevalência de sintomas depressivos em idosas de um Centro de Referência de Atenção ao Idoso no município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 6, p. 930-938, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4038/403849869005.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.



ISSN 2595-5519

ROCHA, S. V. et al. Atividade física no lazer e transtornos mentais comuns entre idosos residentes em um município do nordeste do Brasil. **J Bras Psiquiatr**, v. 60, n. 2, p. 80-85, 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Saulo_Rocha2/publication/262543051_Physical_activity_in_leisure_and_common_mental_disorders_among_elderly_residents_in_a_town_of_north_west_Brazil/links/55364dff0cf268fd0016c7f2.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

RONCON, J. LIMA, S. PEREIRA, M. G. Qualidade de vida, morbidade psicológica e stress familiar em idosos residentes na comunidade. **Psicol Teor Pesqui**, v. 31, n. 1, p. 87-96, 2015. Disponível em:

<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39725/1/Qualidade%20de%20Vida%20%20Morbidade%20Psicol%cc%81gica%20e%20Stress%20Familiar%20em%20Idosos%20Residentes%20na%20Comunidade.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019.

SANTOS, I. S. et al. [Sensitivity and specificity of the Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9) among adults from the general population]. **Cad Saude Publica**, v. 29, n. 8, p. 1533-1543, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000800006&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 set. 2019.

SANTOS, K. A. et al. Fatores associados com a incapacidade funcional em idosos do Município de Guatambu, Santa Catarina, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 23, n. 11, p. 2781-2788, 2007. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-311X2007001100025&script=sci_abstract>. Acesso em: 24 set. 2019.

SHEIKH, J. I.; YESAVAGE, J. A. Geriatric depression scale (GDS): recent evidence and development of a shorter version. **Clin. Gerontol.**, v. 5, p. 165-173, 1986.

SILVA, A. K. A. G. et al. Sintomas depressivos em grupos de terceira idade. **Rev. pesqui. cuid. fundam.(Online)**, v. 11, n. 2, n. esp, p. 297-303, 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/6438/pdf_1>. Acesso em: 29 set. 2019.

SOARES, P. F. C. et al. Depressão em idosos assistindo nas unidades básicas de saúde. **Revista enfermagem UFPE on line**, v. 7, n. 9, p. 5453-5459, 2013.

SOUZA, A. P. P. Prevalência de depressão em idosos institucionalizados e sua relação ao suporte familiar. **Psicologado**, 2016. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-social/prevalencia-de-depressao-em-idosos-institucionalizados-e-sua-relacao-ao-suporte-familiar>>. Acesso em: 14 set. 2019.

TREVISAN, M. et al. O papel do enfermeiro na recuperação de idosos depressivos. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, n. 1, p. 428-440, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555868>>. Acesso em: 14 set. 2019.



ISSN 2595-5519

VERÇOSA, V. S. L.; CAVALCANTI, S. L.; FREITAS, D. A. Prevalência de sintomatologia depressiva em idosos institucionalizados. **Rev. enferm. UFPE on line**, v. 10, n. 5, p. 4264-4270, 2016.